

Aspectos do megalitismo da área de Pavia, Mora (Portugal)

LEONOR ROCHA

R E S U M O

Apresenta-se o estado actual da investigação na área de Pavia, Mora (Portugal). Aos trabalhos realizados nesta área por Vergílio Correia no início do século acrescenta-se agora uma série de novos dados resultantes das prospecções que se têm efectuado, neste território, nos últimos anos. A mancha megalítica de Pavia é actualmente comparável à de Reguengos de Monsaraz e de Évora. No entanto, em termos cronológicos, parecem existir algumas diferenças.

A B S T R A C T

The following presents the actual current knowledge of the area of Pavia, Mora (Portugal). New data are now added to the work done in this area by Vergílio Correia in the beginning of the century. These new data result from the field surveys carried out in the last years. At this stage, it is possible to establish parallels between the megalithic group of Pavia and those of Reguengos de Monsaraz and Evora. Still, some chronological differences seem to exist between Pavia and the other groups.

1. Quadro natural: definição da área de estudo e enquadramento geográfico

A definição da área de estudo baseou-se nos limites anteriormente estabelecidos por Vergílio Correia, restringindo-se, por razões práticas, à folha 409 da C.M.P., na escala 1:25 000; esta opção prende-se naturalmente com o objectivo metodológico de rever os dados publicados por aquele autor, sendo claro que não implica uma estrita coerência geográfica com a distribuição espacial dos fenómenos em análise. No entanto, a individualidade deste conjunto destaca-se, apesar de parecer uma área demasiado restrita actualmente.

A área de Pavia situa-se na extremidade norte do distrito de Évora, perto do limite com os distritos de Santarém e Portalegre (Fig. 1).

Geologicamente, abrange essencialmente duas formações: as extremidades da bacia terciária do Tejo e o substrato antigo, na maior parte granitos.

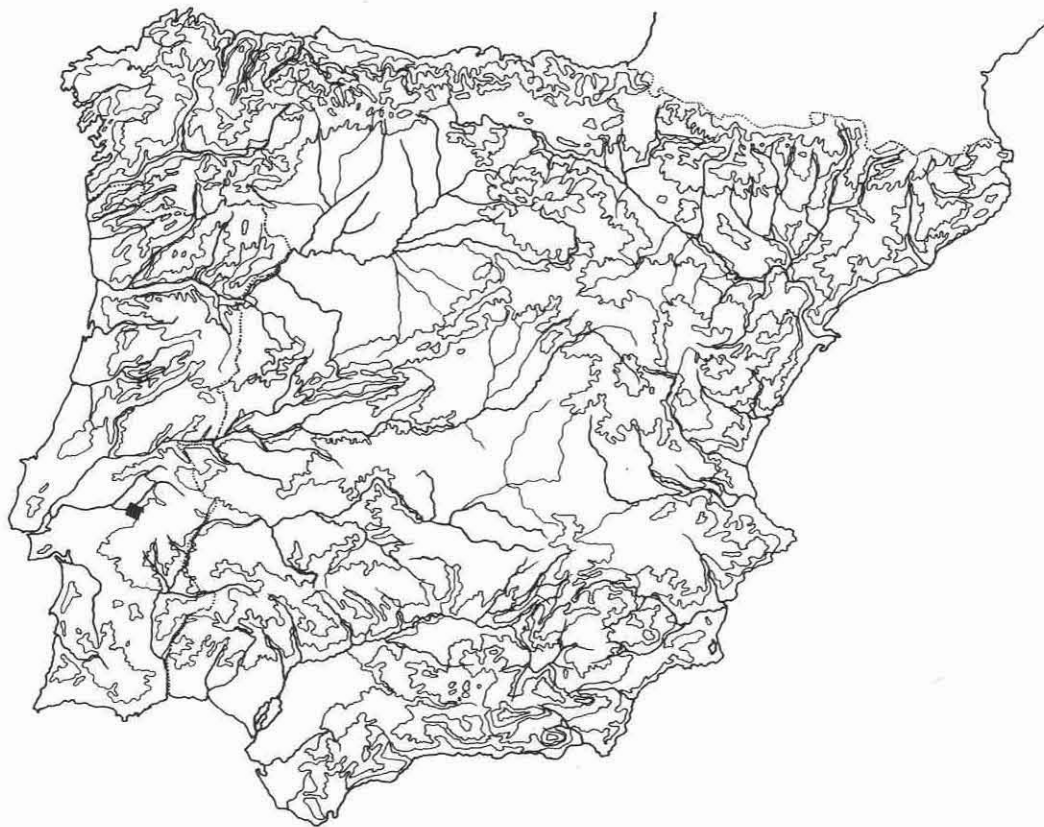


Fig. 1 A área de Pavia na Península Ibérica.

A sul de Pavia aparece representado o complexo atapulgítico da orla sul da bacia do Tejo, a NE, SE e SW as rochas graníticas, a E, N e NW formações metamórficas não carbonatadas, com metavulcanitos, xistos e grauvaques de Terena, metassedimentos predominantemente xistosos, gnaisses e micaxistos.

O Quaternário é constituído por depósitos aluviais modernos, por areias e cascalheiras de terraços e tufos calcários. As aluviões modernas encontram-se ao longo dos principais vales da região e, são compostas por areias e cascalheiras com algumas intercalações argilosas. Os vales das ribeiras de Almadafe, da Têra, da Raia, do Divor e da Cré apresentam este tipo de formações.

Manchas do Terciário aparecem localizadas, a NW, nos pontos topograficamente mais elevados. São compostas, essencialmente, por grés argilosos.

Em termos hidrográficos, a área de Pavia pertence à bacia do rio Sorraia, subsidiária da margem esquerda do Tejo. Actualmente apresenta uma grande irregularidade fluvial, de estiagem mais severa e escoamento mais concentrado (Ramos, 1994, p. 115-116). Estas condições devem-se, por um lado, à escassez pluviométrica, quer em quantidade, quer em número de dias de chuva e, por outro, à pouca permeabilidade do substrato predominantemente xistoso, que dificulta a infiltração e favorece o escoamento superficial. Estes factores conduzem à pobreza das reservas hídricas subterrâneas, nos períodos não chuvosos, e a grandes caudais nos períodos de maiores precipitações.

Drenada pelas ribeiras do Almadafe, de Tera e do Divor, esta área apresenta uma rede hidrográfica geralmente encaixada, entalhando a cobertura sedimentar e pondo por vezes o soco a descoberto.

Em relação à topografia, podemos considerar que a cobertura terciária estão associadas formas de relevo suaves, representadas a W e a S de Pavia, enquanto que, ao substrato antigo, embora peneplanizado, correspondem relevos mais irregulares, marcados pela presença de grandes afloramentos graníticos. Os declives mais acentuados apresentam-se junto às ribeiras do Almadafê, do Divor e da Têra – os valores mais elevados situam-se junto a esta.

Podemos assim considerar duas grandes categorias, as áreas graníticas que se caracterizam pela boa conservação das superfícies de erosão nos interflúvios, com vales largos de fundo plano onde a rede hidrográfica apresenta uma adaptação às fracturas e as áreas xistosas onde as paisagens são mais acidentadas e os relevos vigorosos. A rede hidrográfica é densa e bastante hierarquizada devido à grande impermeabilidade destas rochas.

Quanto à qualidade dos solos, os granitos determinam, em geral, um fraco potencial agrícola (classes D e E), enquanto nas formações terciárias se observam duas situações distintas: nos terrenos argilo-calcários do Oligocénico, ocorrem boas manchas de solos agrícolas (classes B e C) e nos terrenos Mio-Pliocénicos do complexo greso-argiloso e conglomerático dos planaltos, predominam os solos sem qualquer aptidão agrícola (classe E).

Em termos de transitabilidade, podemos verificar que as principais linhas de fecho se desenvolvem perpendicularmente à ribeira da Raia e do Almadafê, sendo paralelas à ribeira da Têra, área onde se concentra o maior número de monumentos megalíticos e de outros vestígios pré-históricos.

Em termos climáticos, e a nível geral podemos considerar que existem grandes contrastes térmicos devido às elevadas temperaturas atingidas no verão. Os invernos apresentam-se moderados nas áreas topograficamente menos acidentadas e frescos nas áreas deprimidas do interior (Daveau, 1985, p. 48).

2. Megalitismo funerário

2.1. Implantação

No que se refere à implantação dos monumentos megalíticos verifica-se uma preferência pelas áreas de topo, 66 monumentos (56%), em detrimento das vertentes e baixas, com 39 monumentos (33%) identificados.

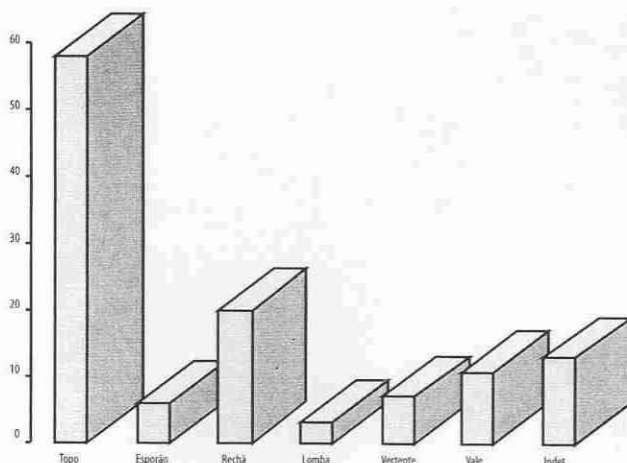


Fig. 2 Padrões de implantação topográfica.

A análise da implantação destes monumentos permite estabelecer, com base na sua relação com a geologia, a existência de alguns na proximidade de afloramentos enquanto outros se situam em áreas abertas sem aspectos destacados, na paisagem actual. A maior parte situam-se em pontos relativamente dominantes que, não sendo sempre os mais altos, possuem, no entanto, um bom domínio visual sobre os territórios envolventes; mesmo as que foram construídas em vertentes desfrutam, normalmente, dessas condições.

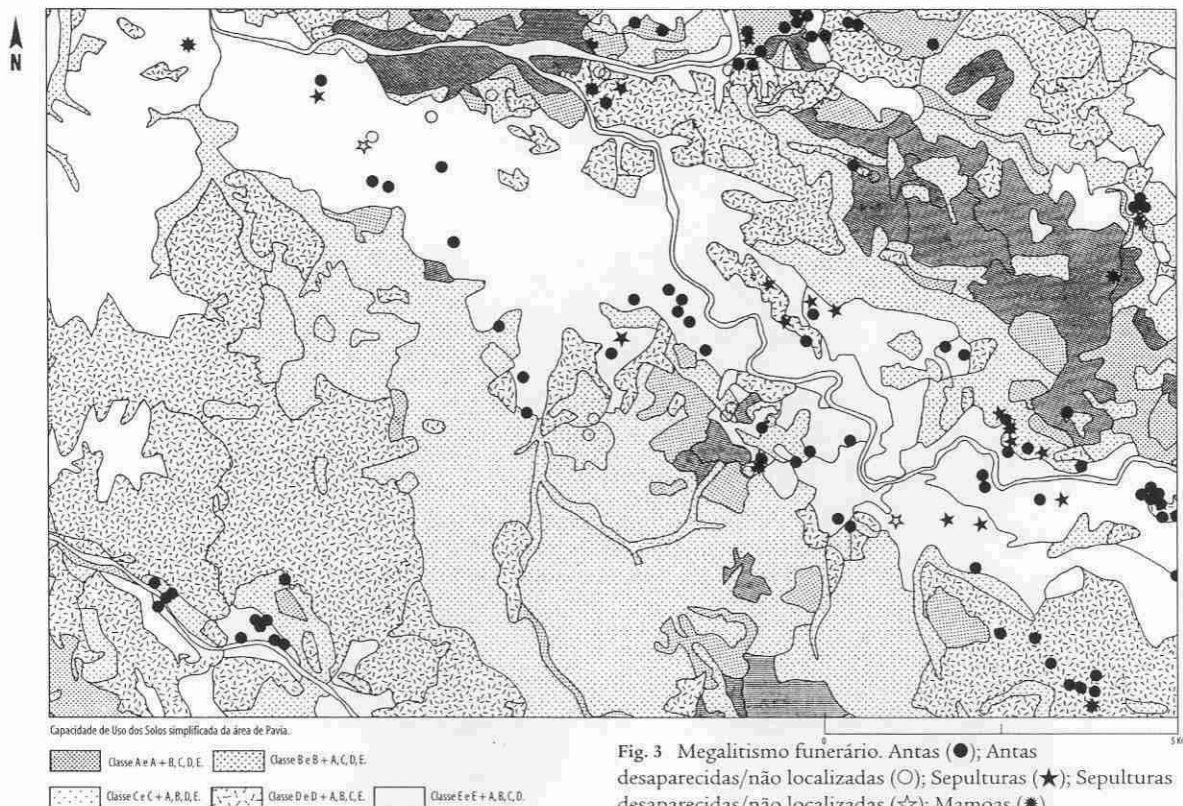
O conjunto de antas que se situa junto à actual vila de Pavia, particularmente a anta-capela de S. Dionísio, as da Ordem, Entreáguas e Caeira, pela sua localização altaneira, destacavam-se, muito provavelmente, na paisagem. Pelo contrário, as antas da serra de Briços e as da Cré facilmente passariam despercebidas, umas pelo acidentado do terreno e as outras devido à grande quantidade de afloramentos que existem dispersos nesta área.

A necrópole da Ordem destaca-se não só pela proximidade e elevado número de monumentos, como também pelas características da área onde se implantam: trata-se de uma área plana com excelente visibilidade, junto à confluência da ribeira da Sêda com a do Almadafe, onde os monumentos megalíticos funerários distam entre si apenas algumas dezenas de metros.

As pequenas sepulturas encontram-se em áreas de topo, normalmente aplanado, ou em vales, ambos com boas condições de visibilidade, pelo que seriam facilmente percebidas na paisagem, apesar de, em princípio integrarem mamoads de pequenas dimensões.

Por outro lado, os monumentos de maiores dimensões localizam-se em áreas de cumeada, claramente destacadas em relação às outras, implantação que constitui a nota dominante na área de Pavia.

No que se refere à capacidade de uso dos solos, os monumentos implantam-se preferencialmente nos solos D e E, com 28 e 64 antas respectivamente. Nos solos da classe C não se encontra, actualmente qualquer monumento, enquanto que nos solos A se registam 4 e nos solos B, 12 (Fig. 3).



2.2. Distribuição espacial

As antas e sepulturas megalíticas distribuem-se ao longo das duas margens das principais ribeiras da área, verificando-se as maiores concentrações nas ribeiras do Almadafé, da Tera e do Divor (Fig. 4). A proximidade da água foi, sem dúvida, uma das condicionantes tomadas em consideração pelos construtores das antas desta área. Vergílio Correia já havia constatado este facto, referindo que os monumentos se implantavam preferencialmente nas orlas dos cursos de água (Correia, 1921, p. 65).

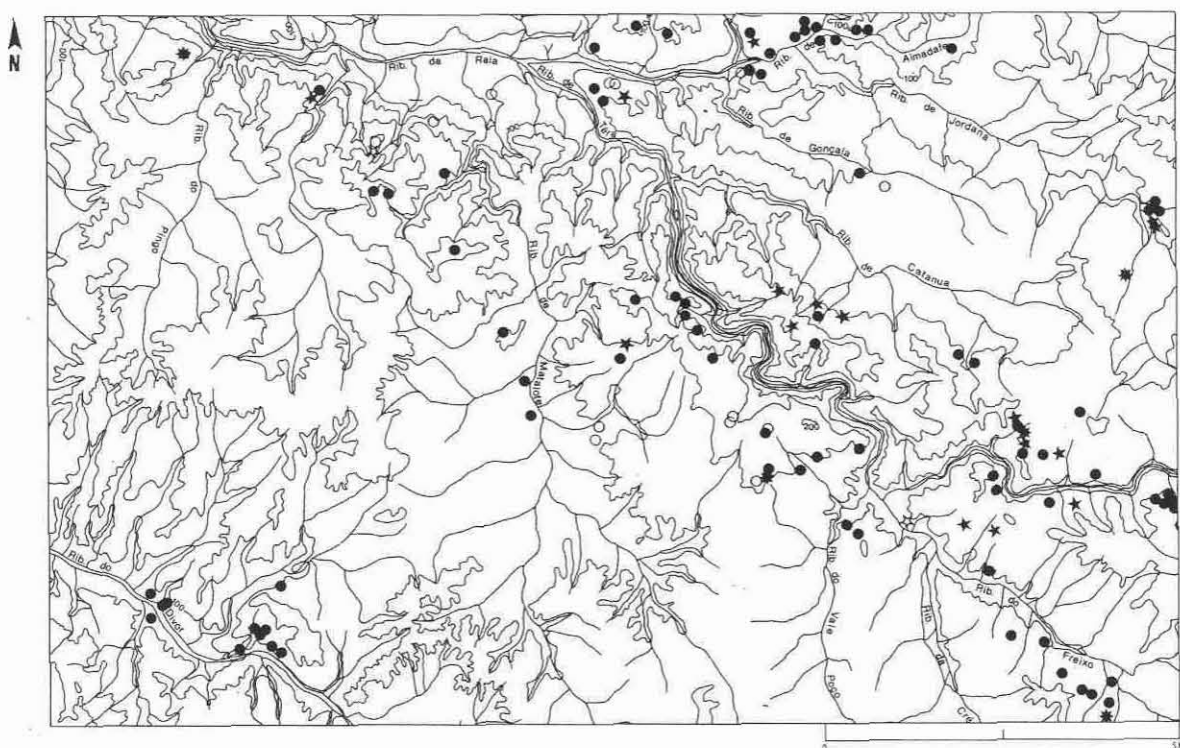


Fig. 4 Oro-hidrografia da área de Pavia. Megalitismo funerário. Antas (●); Antas desaparecidas/não localizadas (○); Sepulturas (★); Sepulturas desaparecidas/não localizadas (☆); Mamoas (●).

De um modo geral, estes monumentos megalíticos localizam-se muito perto uns dos outros, alguns deles formando grupos ou necrópoles perfeitamente individualizados. Se as semelhanças arquitectónicas e artefactuais nos podem, em alguns casos, como na necrópole da Caeira ou da Ordem, sugerir um uso virtualmente simultâneo, o mesmo já não se verifica nas do Cabeço do Considreiro, Antões e Entreáguas, que parecem inscrever-se num leque cronológico-cultural mais aberto.

No entanto, é de salientar a partilha, supostamente diacrónica, do mesmo espaço pelas pequenas sepulturas, com espólios mais escassos e menos enterramentos e, as grandes antas que, pelo seu espólio, apontam para um número muito mais elevado de enterramentos.

A apreciação do conjunto, permite afirmar que, em todas as áreas em que ocorrem sepulturas, as antas estão sempre presentes, embora haja grupos constituídos exclusivamente por antas.

Noutra perspectiva, raros são os monumentos que aparecem isolados e, mesmo nesses, a distância ao que lhe fica mais perto não excede os 5 km. A maior parte desta, entre si algumas centenas de metros ou simples dezenas; os dois monumentos que se encontram mais perto estão no conjunto da Ordem, a uma distância de 7 m um do outro.

2.3. A amostra disponível

O conjunto do megalitismo funerário apresenta uma densa mancha de monumentos na área de Pavia, 118 registados até ao momento, comparável em número e distribuição espacial aos de Reguengos e de Évora.

O espólio recolhido e o tipo de arquitectura apontam para uma utilização mais ou menos contínua, entre o que poderíamos considerar um Neolítico médio e um Calcolítico inicial/médio. De facto, apesar de se registar a presença ocasional de alguns artefactos metálicos, a quase total ausência de outros elementos considerados tardios, como as cerâmicas campaniformes e os báculos e mesmo os próprios *tholoi*, indica, aparentemente, a não utilização destes monumentos em períodos mais recentes, o que parece também confirmado pelo tipo de povoamento registado até ao presente.

A orientação dos sepulcros megalíticos peninsulares mereceu sistematicamente, como se sabe, a atenção do casal Leisner; no caso dos monumentos pavienses, o próprio Vergílio Correia, tecera já algumas considerações sobre o fenómeno, embora não tenha publicado quaisquer dados concretos sobre ele.

A entrada destas construções encontra-se habitualmente exposta a nascente, como é de regra na maior parte dos megálitos europeus e não apenas nos de cariz funerário.

Em termos regionais são raríssimos os monumentos que escapam a essa orientação genérica; a variabilidade observada, em Pavia, enquadra-se, pois, perfeitamente nos valores conhecidos e que têm sido comentados, recentemente, por vários autores (Gonçalves, 1992, p. 39-49; Calado, 1993, p. 296-298).

Vergílio Correia registou um total de 71 monumentos tendo escavado 48 o que equivale a cerca de 68% dos monumentos por ele identificados (Correia, 1921). Ao rever e actualizar o trabalho deste investigador, o casal Leisner regista mais nove, passando então para um total de 80 monumentos megalíticos. Nos últimos anos inventariaram-se mais 35 sepulturas o que equivale a um aumento de 47%.

2.4. A arquitectura

Os monumentos megalíticos funerários da área de Pavia enquadram-se tradicionalmente, em relação à arquitectura, em dois grupos principais: as pequenas sepulturas em forma de ferradura e as antas de câmara mais ou menos poligonal com corredor (Figs. 5, 6, 7 e 8). Ausentes parecem estar, até ao momento, os *tholoi*. O seu estado de conservação varia entre o danificado e o muito danificado, se bem que exista ainda um notável conjunto de monumentos em bom estado de conservação, pelo menos no que se refere à câmara, uma vez que raramente se dispõe de informação, à superfície, para o corredor.

Em relação ao número de esteios, verifica-se uma certa diversidade, dentro dos dois tipos de plantas. As melhores representadas são as antas poligonais de sete esteios e as sepulturas de onze esteios. No caso das sepulturas é provável que algumas possuam mais esteios, uma vez que na maioria apenas afloram à superfície ou estão debaixo de amontoados de pedras.

Em relação ao comprimento do corredor, a comparação dos diversos comprimentos permite concluir que os tipos mais representados são os corredores curtos e os corredores longos. No entanto, a observação dos espólios referentes a estes dois tipos de monumentos, onde não se observam diferenças assinaláveis, não permite, à partida, encará-los como cronologicamente separados.

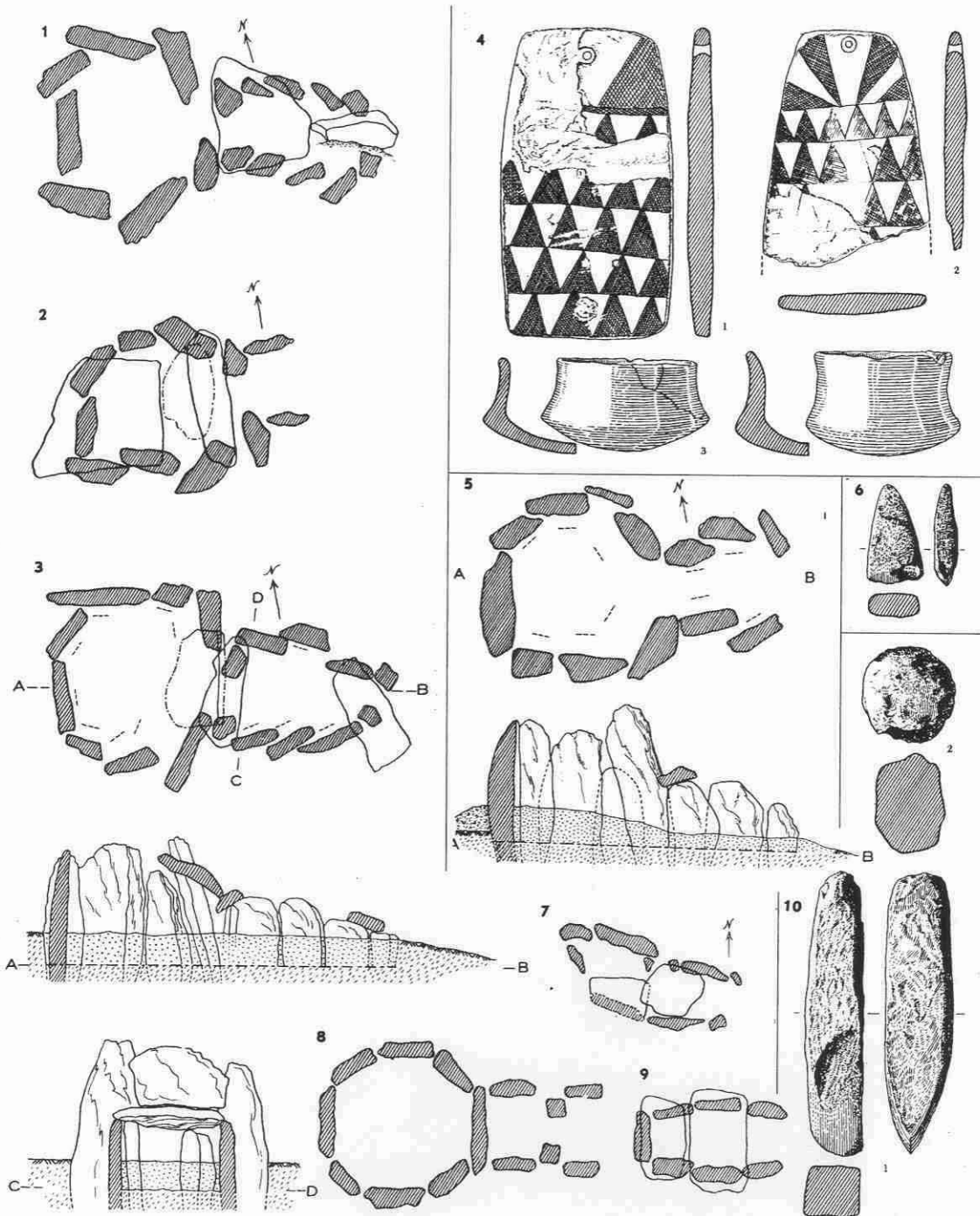


Fig. 5 Plantas e materiais das antas: 1. Remendo 1; 2. Remendo 2; 3. Cré 1; 4. Força Velha; 5. Casa Velha (Caeira 1); 7. Sep. S. Miguel; 8. Oliveira 3; 9. Sep. Casarão das Figueiras; 10. Figueiras. Escala geral dos materiais 1:3; das plantas 1:100. Segundo Leisner, 1959, Band 1, Taf. 18.

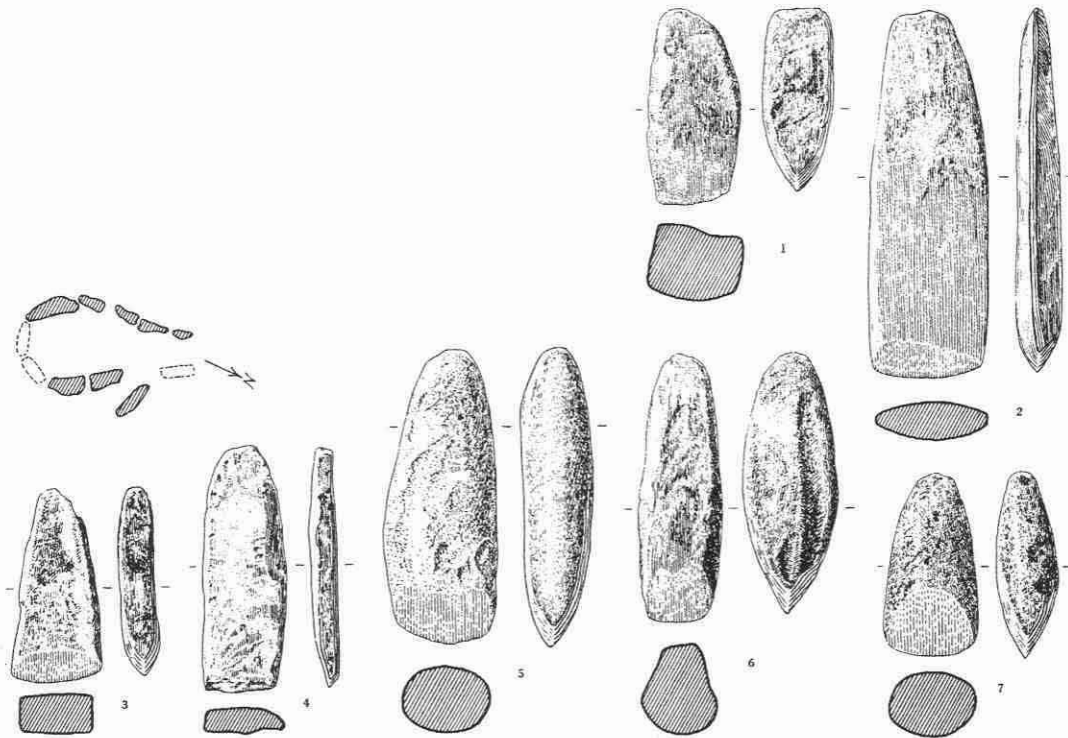


Fig. 6 Plantas e materiais da anta de Entreáguas 5. Escala geral dos materiais 1:3; das plantas 1:100. Segundo Leisner, 1959, Taf. 24.

Na prática, estes resultados, apesar do carácter suficiente da amostra, não permitem generalizações. Parece possível, mesmo assim, propor a existência de três pólos arquitectónicos:

- as pequenas antas/sepulturas (11);
- os monumentos de corredor curto (8);
- e os de corredor longo (13).

A presença de um número relativamente elevado de monumentos em que apenas temos a câmara conservada e um ou dois esteios de cada lado do corredor não significa que os seus corredores fossem curtos. O caso mais significativo neste conjunto é sem dúvida o da anta de S. Dionísio; trata-se da maior anta da área sendo também a que apresenta a maior câmara. No entanto, a destruição do corredor impede-nos de tirar qualquer conclusão.

No que diz respeito aos diâmetros máximos das câmaras, verifica-se a existência de um grupo entre os 2,5 m e os 3,5 m. Abaixo destes valores existem dez monumentos e acima apenas seis.

Quanto ao conjunto da câmara e corredor, optou-se por utilizar uma classificação mais abrangente, sobretudo em relação à arquitectura das câmaras. Também a grande diversidade proposta pelo casal Leisner (Leisner, 1959) varia em torno da câmara poligonal, que pode ser mais ou menos alongada, tender para o trapezoidal, etc. A observação actual, no terreno, destes monumentos não nos permite, na maior parte dos casos, estabelecer uma tipologia tão precisa.

No grupo dolménico de Pavia existe uma grande homogeneidade a nível da arquitectura megalítica. Predominam os monumentos de câmara mais ou menos poligonal, de sete esteios, com corredores curtos ou longos.

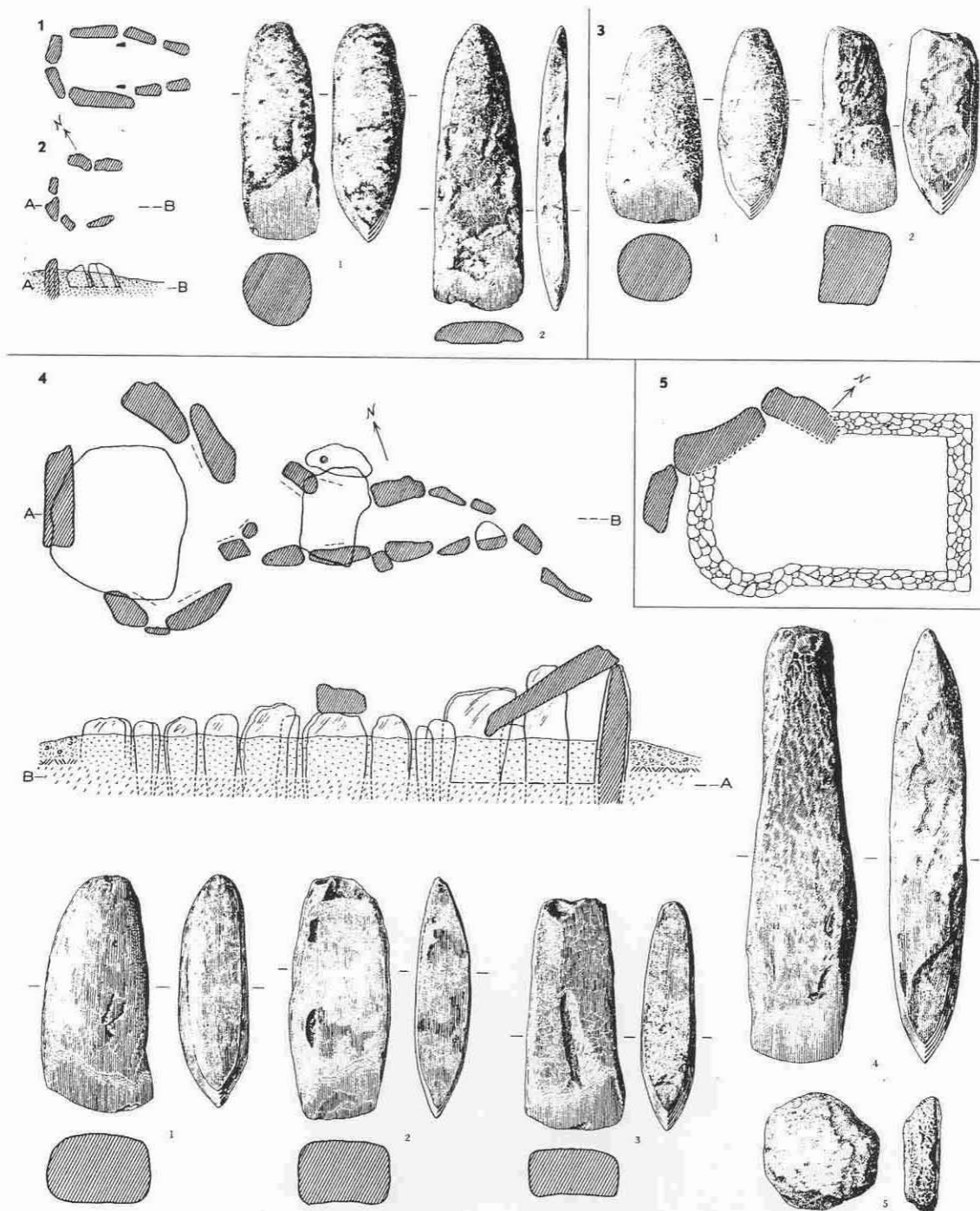


Fig. 7 Plantas e materiais das antas: 1. Sep. Madre de Deus; 2. Sep. Considereiro 2; 3. Madre de Deus 1; 4. Entreáguas 1 (Anta Grande); 5. Entreáguas 4 (forno). Escala geral dos materiais 1: 3; das plantas 1:100. Segundo Leisner, 1959, Band 1, Taf. 23.

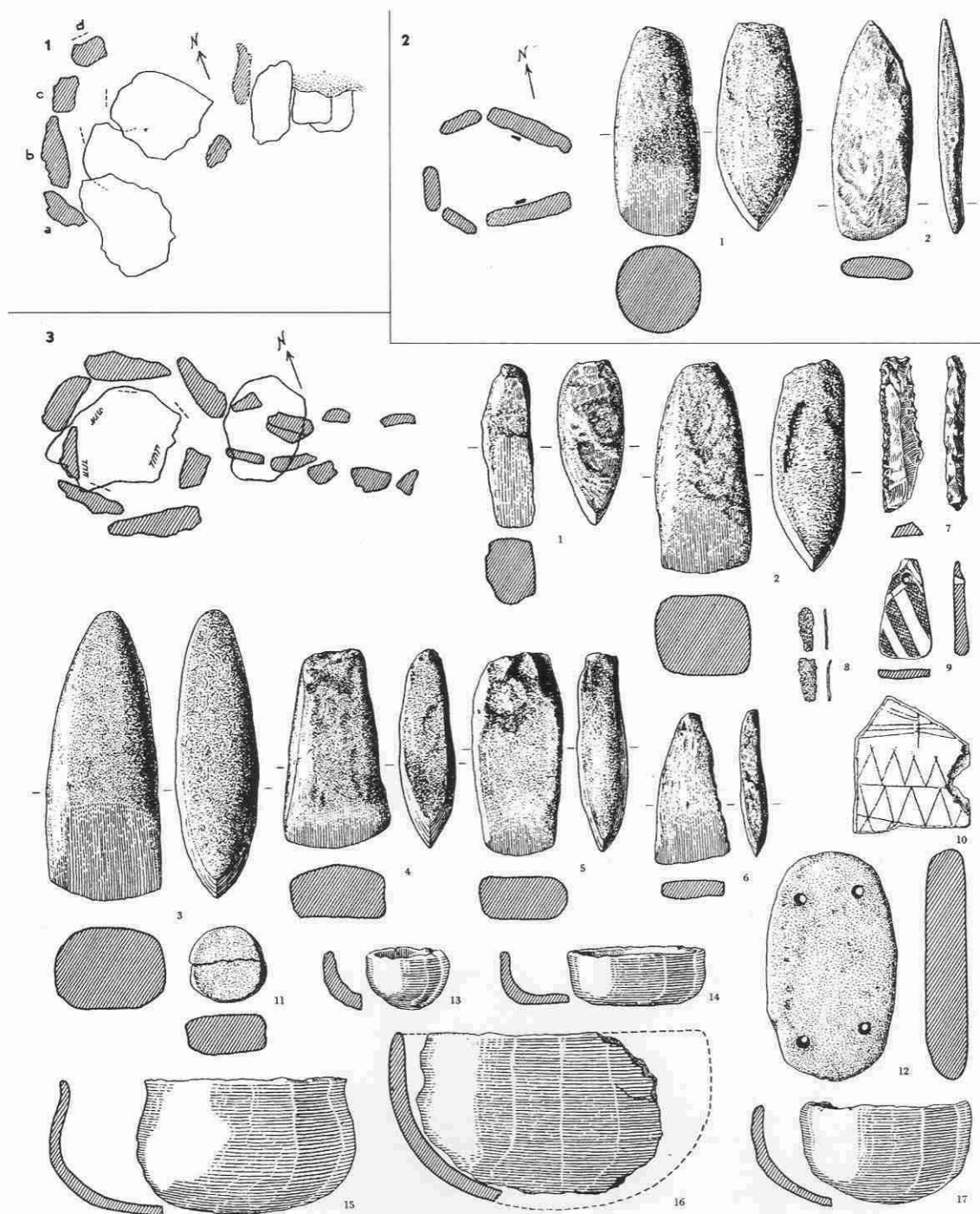


Fig. 8 Plantas e materiais das antas: 1. Antões 1; 2. Antões 2; 3. Antões 3 (Anta Grande). Escala geral dos materiais 1:3; da anta dos materiais 1:3; da anta dos Antões 3 n° 7-9 a 1:2; das plantas 1:100. Segundo Leisner, 1959, Band 1, Taf. 19.

A tese de que os mais antigos monumentos megalíticos seriam as pequenas antas sem corredor baseia-se nas propostas, pouco consistentes, de Manuel Heleno, seguidas, com mais ou menos convicção, por diversos autores. Aquele investigador, que escavou centenas de monumentos no Alentejo, particularmente na área de Montemor-o-Novo, refere-se a este tipo de sepulturas como contendo machados de corpo cilíndrico, picotado, e geométricos. Regista ainda a ausência de cerâmicas.

Jorge Oliveira propõe para a área da bacia hidrográfica do Rio Sever que tanto os grandes monumentos como as pequenas sepulturas sejam utilizados simultaneamente, pelo menos para um certo período. No entanto, não exclui a hipótese de existir uma evolução (Oliveira, 1995, p. 664).

Primitiva Bueno Ramírez propõe para a zona norte da Estremadura espanhola a existência de três tipos distintos de monumentos megalíticos, as câmaras simples, as de corredor curto e as de corredor longo (Bueno Ramírez, 1988, p. 182). Baseada nos tipos arquitectónicos e nos espólios disponíveis esta autora propõe a contemporaneidade destes três tipos no Neolítico Final considerando, no entanto, que algumas diferenças existentes nos espólios das antas de corredor curto apontam para uma maior anterioridade destas. Em relação às «câmaras simples», refere a ausência de espólios conhecidos para este tipo, mas a sua estreita relação espacial com as antas de corredor longo leva-a a considerá-las contemporâneas destas (Bueno Ramírez, 1988, p. 179).

Na área de Pavia também existe, por vezes, esta associação de pequenas sepulturas/antas de corredor longo, em algumas das necrópoles (Ordem, Entreáguas, Briços e Têra) e ainda nos casos do Cabeço do Considereiro e dos Antões. No entanto, os espólios identificados para cada um destes tipos apresentam diferenças significativas.

À semelhança do que se presume para a área de Reguengos (Gonçalves e Sousa, no prelo) também aqui se poderá colocar a hipótese de os monumentos mais antigos serem as pequenas sepulturas de planta trapezoidal ou em «ferradura» (Fig. 9) e à fase mais evoluída corresponde-

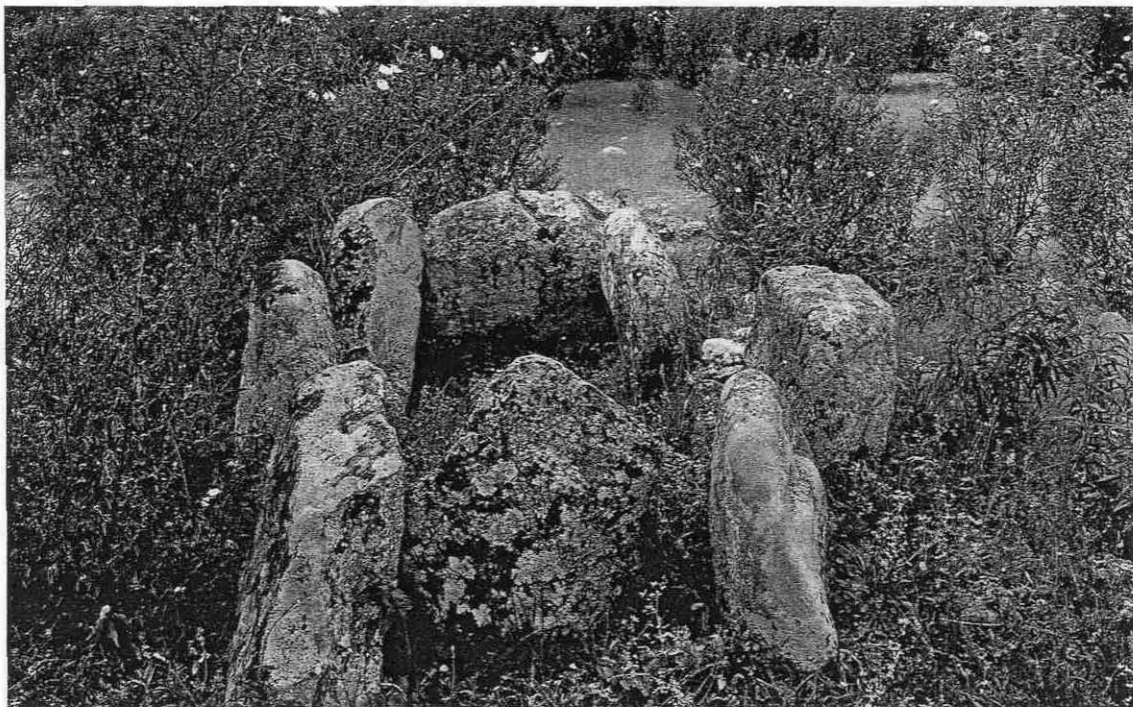


Fig. 9 Sepultura da Têra. Foto de José Manuel Rodrigues.

rem os monumentos de grandes dimensões (Fig. 10). Mas, apesar de o espólio encontrado nestes pequenos monumentos apontar para a sua anterioridade não é de excluir que, em alguns casos, a sua construção possa ter perdurado e se venha a verificar a existência de uma contemporaneidade relativa entre os dois tipos arquitectónicos.



Fig. 10 Anta 1 do Remendo. Foto de José Manuel Rodrigues.

2.5. *Artefactos votivos*

O maior número de cerâmicas recolhidas registou-se em Antões, sendo de realçar que, na maior parte dos casos, o número de registos de cerâmica é inferior ao de pedra polida.

As formas presentes enquadram-se nos padrões regionais, integrando nomeadamente taças, vasos e potes, de superfícies predominantemente lisas ou com aplicação de mamilos (Figs. 11 e 12). Excepcionalmente, as antas de Entreáguas 1, Casa Branca e Caeira 7, apresentam taças decoradas com um “... par de arcos que em posição de orbitas ornamentam as paredes de taças de barro grosso.” (Correia, 1921, p. 61). Por sua vez, as formas carenadas encontram-se presentes em 12 monumentos.

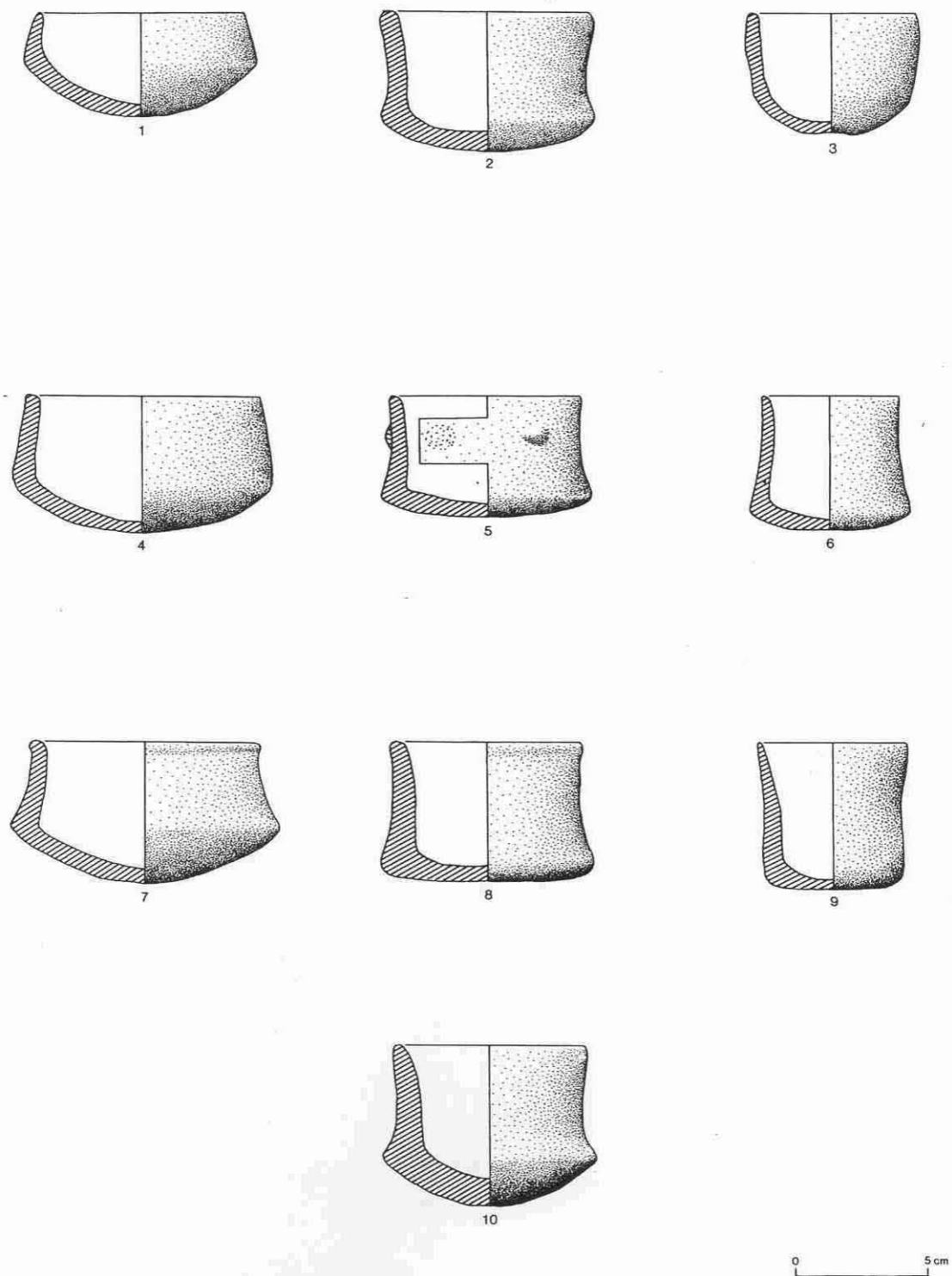


Fig. 11 Materiais do Museu Nacional de Arqueologia. 1 a 3: Anta de Briços 6; 4: Anta de Entreáguas 1; 5 e 6: Anta da Casa Branca 3; 7 a 10: Anta de Pavia.

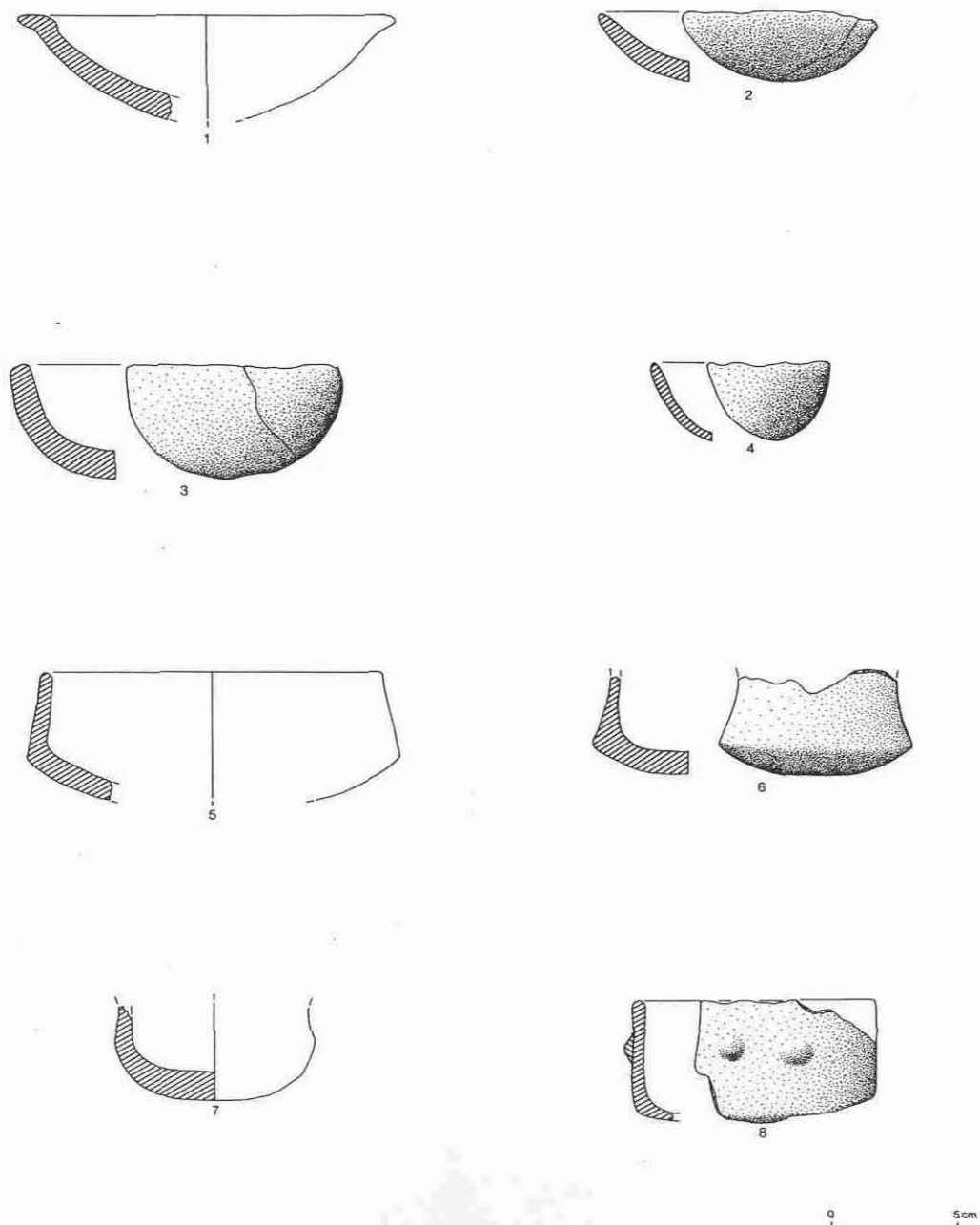


Fig. 12 Materiais do Museu Nacional de Arqueologia. 1 e 2, 5, 7 e 8: Anta da Caeira 7; 3: Anta da Caeira 3; 4 e 6: Anta da Caeira 6.

Na anta de Entreáguas 1 registou-se a ocorrência de dois suportes cerâmicos para artefactos de pedra polida (Fig. 13). Um dos suportes estava vazio e o outro ainda conserva o pequeno artefacto *in situ*. O primeiro possui ainda uma concavidade sensivelmente a meio o que o torna muito semelhante ao que alguns autores chamam de ídolos de cornos (Fernández Corrales e Saucedo, 1985; Gonçalves, 1989, 1994; Hurtado Pérez, 1984) e outros de suporte de lareiras (Cardoso e Ferreira, 1990; Cardoso, 1992).

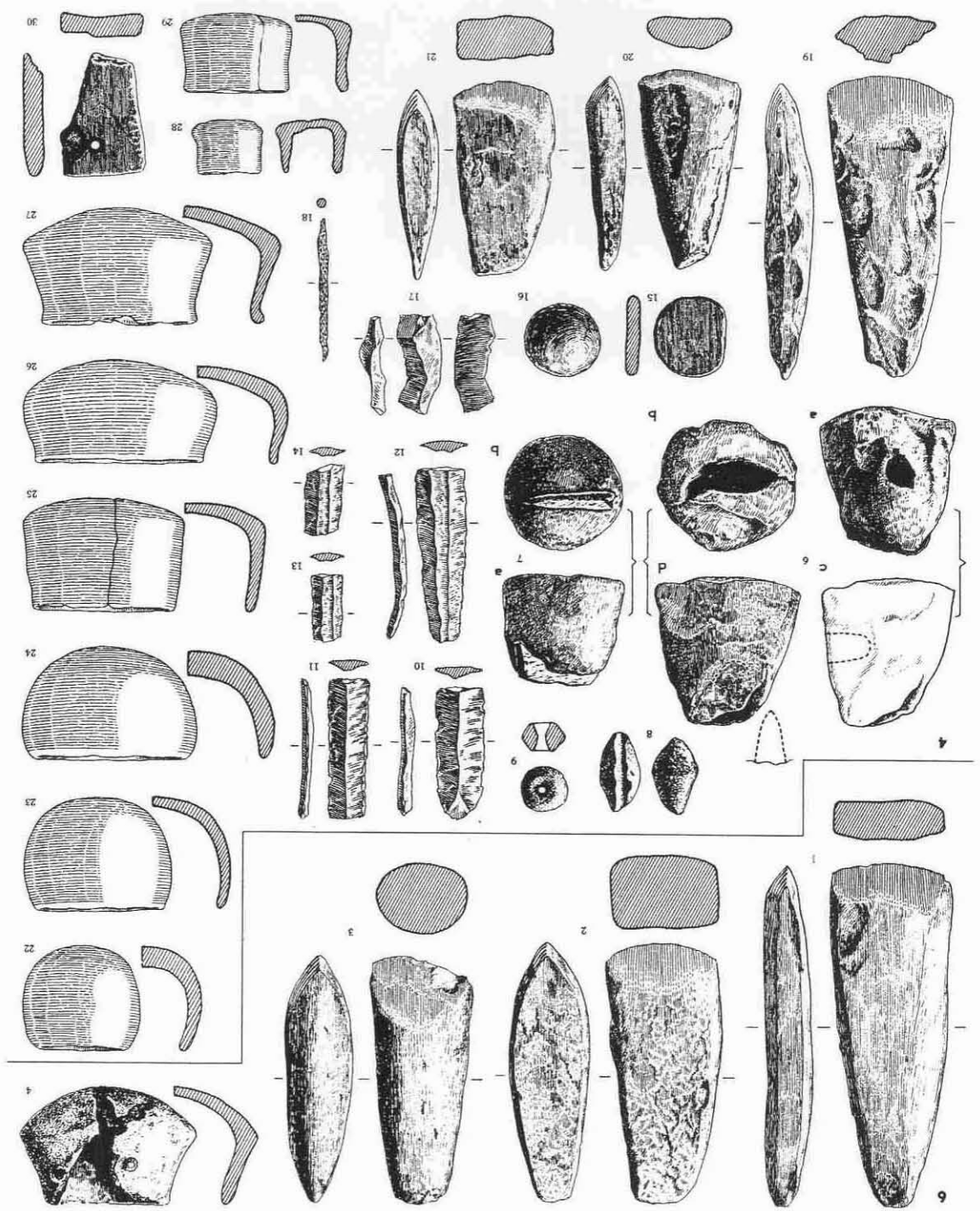


Fig. 13 Materiais das antas: 4. Entréguas I (Anta Grande); 6. Folha da Anta. Escala geral dos materiais 1:3; da anta de Entréguas I nº 6-14, 17, 18 a 1:2. Segundo Leisner, 1959, Band I, Taf. 23.

Em relação à pedra polida, a característica comum a quase todos os instrumentos de pedra polida de anfibolito é o tipo de acabamento “tosco”. De facto, para além do polimento efectuado no gume o resto do artefacto não parece ter merecido muita atenção por parte dos respectivos artífices. Nas antas de Brissos e na de S. Dionísio, por exemplo, alguns dos artefactos de pedra polida ou estão inacabados (formas imperfeitas, talão cortado, sem gume, etc.), ou têm sinais de uso no gume e talão. Os de corneana(?) e de fibrolito tiveram um tratamento diferenciado apresentando-se integralmente polidos (Fig. 14).

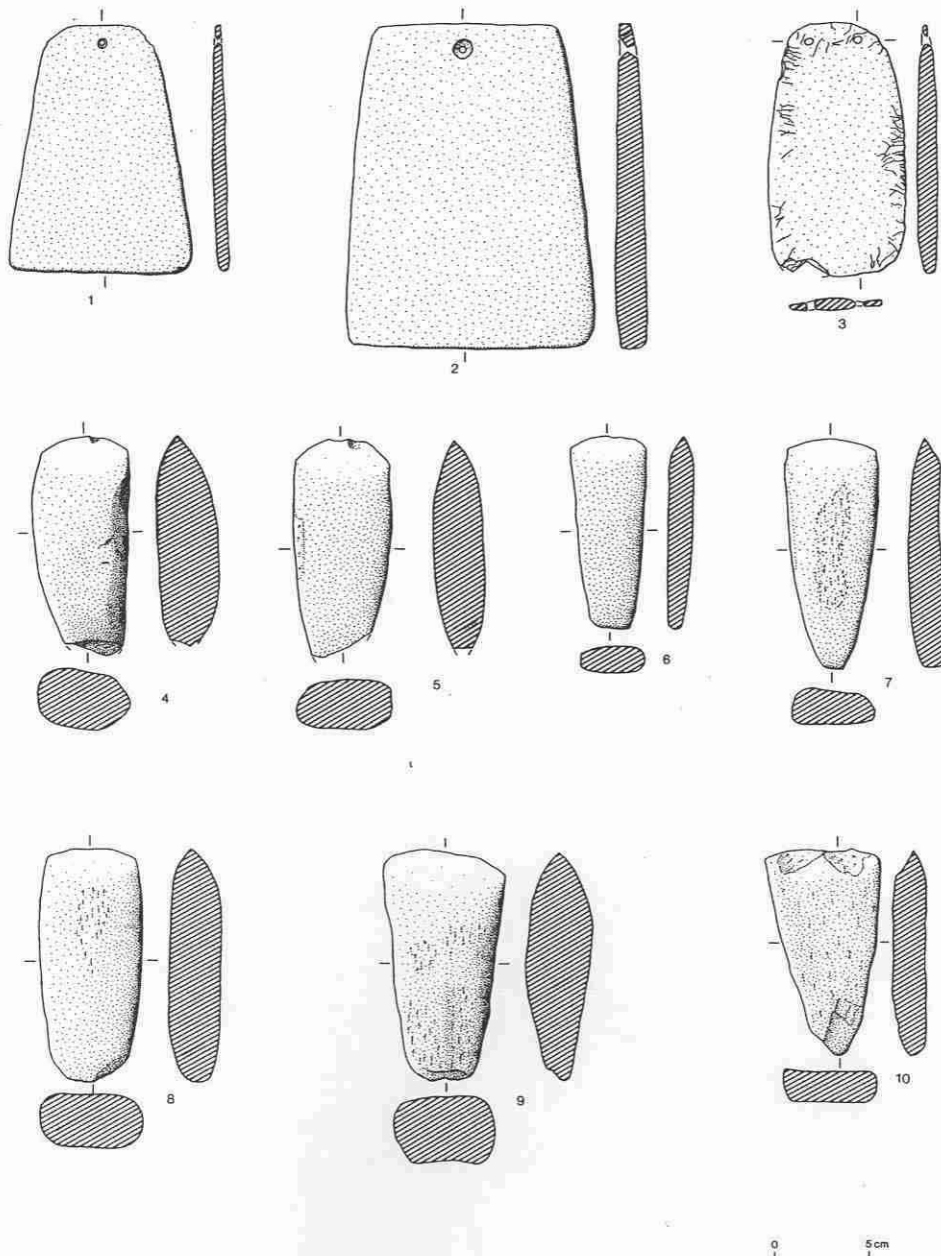


Fig. 14 Materiais do Museu Nacional de Arqueologia. 1 a 6: Anta de Briços 6; 7: Anta de Entreáguas 1; 8 a 10: Anta do Cabeço do Considero 1.

As goivas encontram-se somente em três monumentos, Lapeira 3, Brissos 1 e Têra 1.

A pedra lascada é escassa na área de Pavia, registando-se a sua presença em 14 monumentos. A anta da Ordem 1 regista o maior número de artefactos recolhidos (17). Este grupo é também o que, pelas suas dimensões, poderá ter sido menos exaustivamente recolhido nas escavações antigas. Por outro lado, do espólio desenhado e publicado pelos Leisner é também o que regista actualmente mais ausências no Museu (Fig. 15).

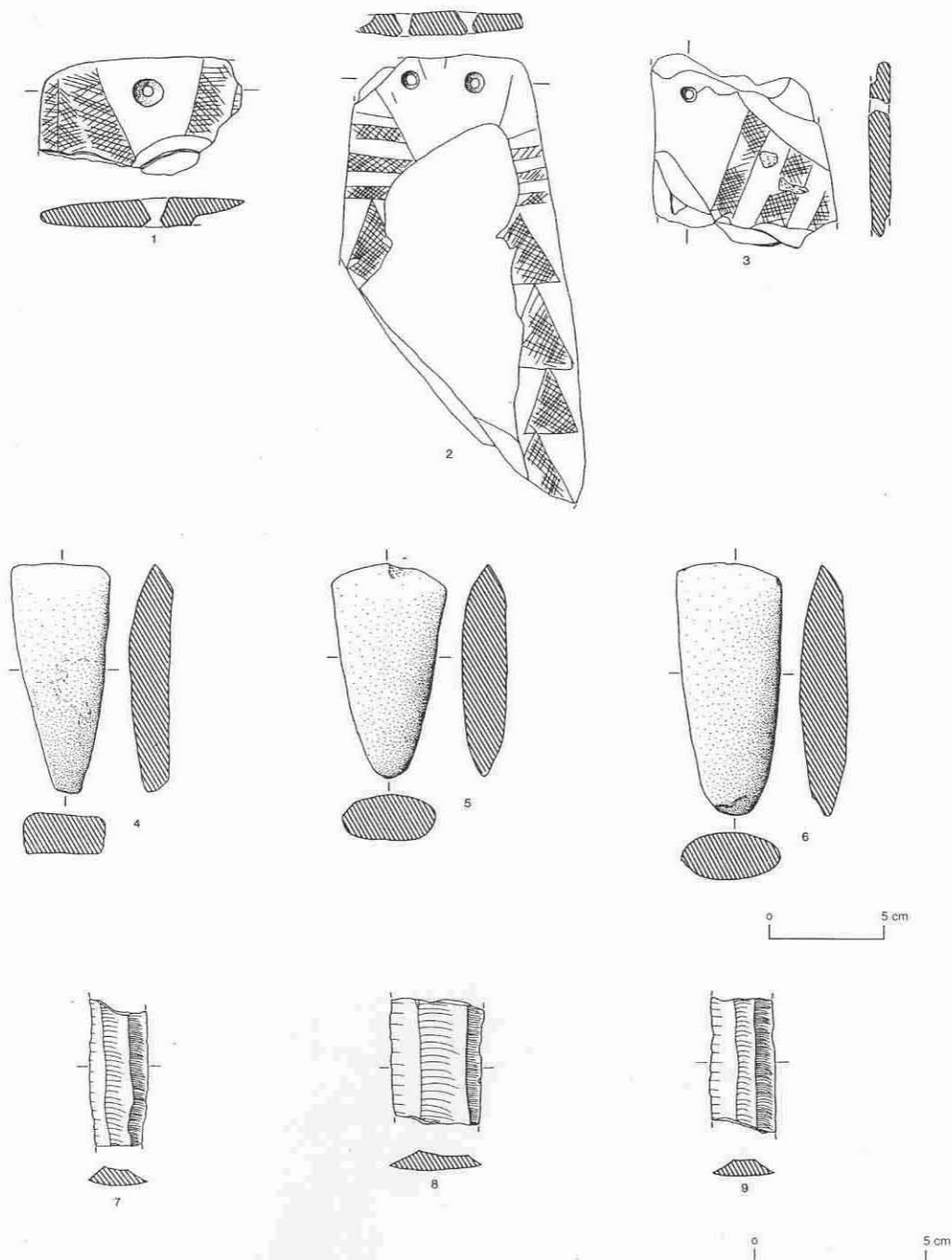


Fig. 15 Materiais do Museu Nacional de Arqueologia. 1 a 3, 7 a 9: Anta da Caeira 7; 4 a 6: Anta da Caeira 9; 5: Anta da Caeira 6.

As placas de xisto encontram-se presentes em 17 monumentos, dispersos um pouco por toda a área. As antas com mais placas de xisto recolhidas são as da Brissos 6 (34), Caeira 7 (33), Ordem 1 (19) e S. Dionísio (17). Curiosamente, a anta de Brissos aparece registada no Museu Nacional de Arqueologia como “anta das placas”. Os restantes monumentos apresentam valores relativamente baixos.

À semelhança do que se verifica com a pedra polida, também as placas de xisto têm normalmente a superfície, sobretudo a não decorada, pouco regularizada. Por vezes, é a própria matéria-prima que não é de boa qualidade apresentando o xisto muitas irregularidades e veios. Algumas placas apresentam indícios de terem sido reutilizadas e outras uma decoração aparentemente pouco planeada. Efectivamente, por vezes, os riscos são muito tortos, encavalitados ou sobrepostos (em que a decoração não coincide). As próprias perfurações têm tendência para serem oblíquas ou por terem mais que uma tentativa de furo.

A decoração é muito diversificada aparecendo desde as placas totalmente decoradas até às mais simples, como a da anta de S. Dionísio, com duas linhas paralelas, preenchidas com traços, contornando o perímetro da placa, ou ainda a da anta do Considereiro, onde apenas se indicam os olhos com duas covinhas, ficando o resto da placa toda lisa. Os olhos foram representados de várias formas aparecendo por vezes não os olhos mas a linha da arcada supraciliar (Correia, 1972, p. 113). A decoração com riscos anárquicos aparece numa placa de Antões 3 e duas da Ordem 1.

A decoração é geométrica, sendo os elementos de base as faixas estreitas verticais ou horizontais e os triângulos preenchidos. No conjunto da Caeira estão ausentes as representações explícitas da simbologia solar. No entanto, as linhas horizontais localizadas abaixo da perfuração de uma das placas poderão ser interpretadas como “tatuagens” ou “sobrancelhas”.

Se tivermos em conta o número de placas de xisto das antas maiores como número mínimo de enterramentos (Gonçalves, 1992, p. 19), poderemos contabilizar para as antas de Brissos 6 e Caeira 7 um total de 34 e 33 enterramentos respectivamente.

Os báculos, são extremamente raros nestes monumentos, tendo sido recolhido apenas um exemplar nas antas da Caeira 7 e Brissos 6.

Os artefactos votivos em osso, lagomorfos, alfinetes de cabeça postiça, ídolos chatos, etc., estão praticamente ausentes neste conjunto, apenas se registando a presença de alfinetes de cabeça (20 fragmentos) na anta da Ordem 1.

As contas de colar encontram-se em 5 monumentos, sendo o conjunto mais significativo o da Ordem 1, com 37 contas.

Os pendentives, reaproveitando ou não placas de xisto estão presentes em Antões 3 (1), Entreáguas 1 (1) e Ordem 1 (1).

Há artefactos em metal em 4 antas, Considereiro 1 (1), Antões 3 (2), Entreáguas 1 (1) e Ordem 1 (2).

2.6. Ritual funerário

A utilização de ocre, testemunhada em diversos monumentos megalíticos funerários do Alentejo, e não só, está presente na maioria das antas de Pavia. Apesar da ausência de registo de pormenor sobre as condições de jazida dos artefactos, a análise efectuada ao espólio existente no Museu Nacional de Arqueologia permitiu-nos verificar que, muito provavelmente, seria possível individualizar camadas avermelhadas no interior dos monumentos. A consistência actual

das manchas em alguns artefactos de pedra polida e placas de xisto deixa supor a utilização de uma quantidade significativa de ocre. Vergílio Correia refere “(.../...) ter encontrado num dólmen do Cabeço da Anta, na herdade de Casa Branca do Outeiro, termo de Pavia, uma perfeitíssima placa de schisto com os desenhos ainda cobertos de ocre vermelho”, o que o fez propor que “...todas as placas foram pintadas...” (Correia, 1972, p. 109-110).

Estas manchas que, nas placas de xisto se localizam sobretudo no verso e se distribuem mais ou menos aleatoriamente (no grupo da Ordem aparecem mais junto à perfuração), nos instrumentos de pedra polida encontram-se sobretudo no gume e talão.

A observação do conjunto artefactual disponível destes monumentos permite-nos verificar a existência, à partida, de dois tipos de associações: o conjunto machado(s) + enxó(s) ou apenas machados, presentes nas sepulturas em forma de ferradura, com uma total ausência de cerâmicas e de placas de xisto; e associações muito mais complexas em que os machados aparecem juntamente com outros materiais. Note-se, no entanto, a ausência de lagomorfos, cerâmica simbólica, falanges afeiçoadas ou decoradas e de «ídolos chatos».

Apesar da ausência de datações absolutas para estes monumentos, pensamos que ao primeiro corresponde uma fase média do Neolítico e ao(s) segundo(s) uma diacronia mais longa que, em alguns casos, se estende até ao Calcolítico médio.

Monumentos como Brissos 6, Cabeço do Considereiro 1, Casa Branca 3, Antões 3, Entreáguas 1 e Ordem 1 com placas de xisto, cerâmica decorada e metal ou báculos, têm naturalmente uma utilização até períodos mais recentes, talvez mais prolongada, e que devem formar o grupo das que ainda são utilizadas no III milénio em anos de calendário.

A ligação entre o primeiro conjunto, aparentemente coeso, de primeiras inumações, com um ou poucos enterramentos e este, parece ter sido gradual, sem grandes influências exógenas, uma vez que todo o conjunto artefactual parece muito homogéneo, apesar de ser uma área de passagem natural entre o interior e o litoral.

A aparente ausência de uma rede de povoamento e enterramentos ligados ao Calcolítico final e à Idade do Bronze deixa em aberto a questão da evolução (ou desagregação) desta(s) comunidade(s).

3. Megalitismo não funerário

3.1. A amostra disponível

Os monumentos megalíticos não funerários conhecidos na área de Pavia foram identificados, pela primeira vez, nos anos setenta, por elementos dos Serviços Geológicos, que registaram dois cromeleques, o das Fontainhas e o do Monte das Figueiras, e um menir, o do Monte da Têra (Zbyszewski et al., 1977). Até então, este tipo de monumentos tinha, estranhamente, passado despercebido aos investigadores. No decurso das prospecções efectuadas nos últimos anos identificámos novos menires isolados ou agrupados, num total de sete sítios inéditos (Figs. 16 e 17).

Até meados dos anos noventa, altura em que iniciámos os trabalhos de prospecção nesta área, nenhum destes monumentos tinha sido alvo de trabalhos arqueológicos de escavação. A identificação de dois conjuntos de menires – uns alinhados e outros amontoados ao lado da estrada – aparentemente relacionados entre si levou-nos a optar por iniciar as escavações com estes dois monumentos, no verão de 1996.

3.2. Aspectos morfológicos

Os menires da área de Pavia apresentam diferenças morfológicas, podendo individualizar-se três categorias:

1. Monólitos arredondados ou ovóides, de pequenas ou médias dimensões. É o caso do recinto megalítico do Monte das Figueiras (Fig. 18), alguns das Fontaínhas (Fig. 19) e os menires da Têra 2, 3 e 4.

2. Monólitos alongados, alguns de aspecto fálico. Incluem-se neste grupo os menires do Alinhamento do Monte da Têra, do Recinto(?) Megalítico do Monte da Têra, o menir central das Fontaínhas e o menir da Têra 1.

3. Grandes monólitos alongados e pouco espessos. O único caso que se conhece nesta área é o menir da Caeira e, eventualmente o da Gonçala, se bem que este seja de menor dimensões. Uma vez que se encontram tombados, não é possível saber se apresentam alguma decoração.

Note-se que, em nenhum destes menires se identificou, até ao momento, qualquer decoração simbólica (círculos, sóis raiados, linhas onduladas, báculos, etc.) como acontece em monumentos de outras áreas. Apenas se registou a presença de algumas «cavinhas» no menir da Gonçala e no menir 7 do Alinhamento do Monte da Têra. Também não se detectou a regularização ou polimento intencional de nenhuma superfície.

Outras observações são ainda possíveis a propósito dos menires e da diversidade que apresentam nesta área.

Em primeiro lugar, verifica-se a existência de menires isolados, de recintos megalíticos e de um alinhamento, com menires de diferentes morfologias. A estas diferenças morfológicas correspondem diferenças cronológicas. De facto, as escavações realizadas no Alinhamento do Monte

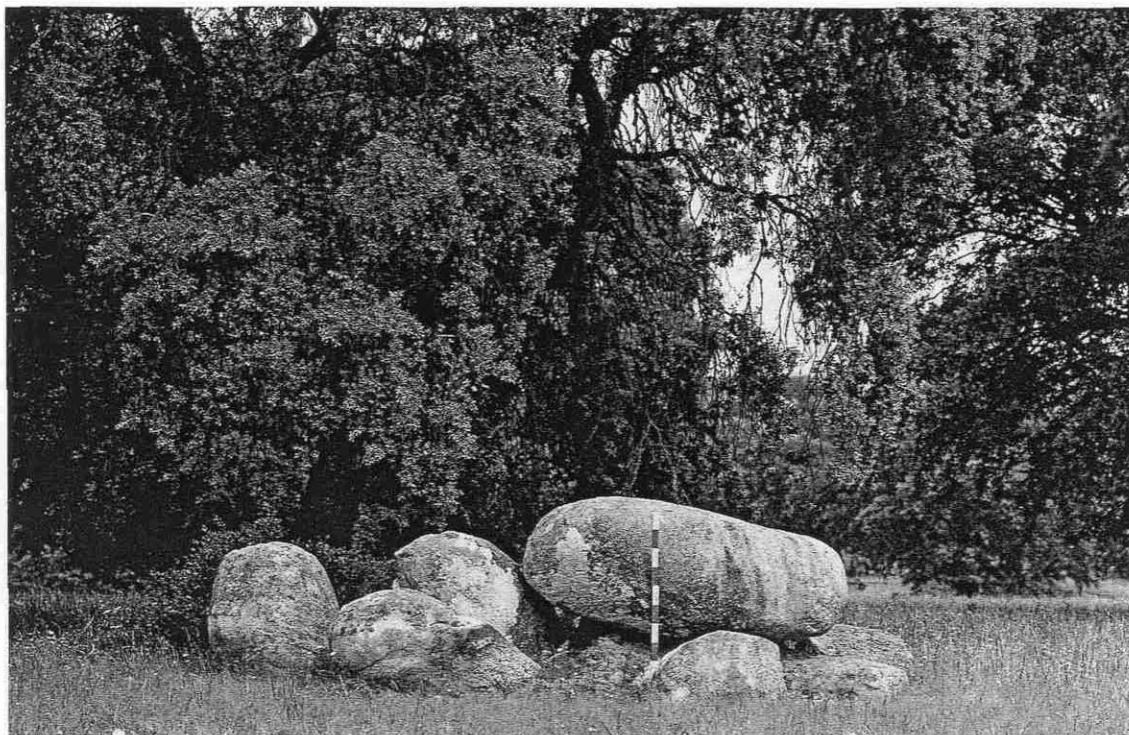


Fig. 18 Recinto megalítico do Monte da Têra (Figueirinhas). Foto de José Manuel Rodrigues.



Fig. 19 Recinto megalítico das Fontainhas. Foto de José Manuel Rodrigues.

da Têra e no Recinto (?) Megalítico do Monte da Têra, permitiram-nos verificar que alguns dos monólitos do grupo 3 são da Idade do Ferro.

Em segundo lugar, regista-se uma certa uniformidade nas plantas dos recintos megalíticos, com ovais abertas, simples e pequenas. Apenas o recinto megalítico das Fontainhas apresenta um menir central.

Finalmente, também o número de menires por monumento e a respectiva área de dispersão são inferiores aos registados nas outras regiões.

3.3. Implantação

Em termos de implantação, os menires situam-se em vertentes muito suaves ou terrenos aplanados, perto de linhas de água, sem grande diferenciação quanto à capacidade de uso dos solos e ao substracto geológico.

Em relação à capacidade de uso dos solos, implantam-se em solos das classes C os recintos megalíticos do Monte das Figueiras, do Monte da Têra, o Alinhamento do Monte da Têra, os menires da Têra 2, 3 e 4 e o da Gonçala; em solos da classe E, os recintos megalíticos das Fontainhas, da Santa Madre de Deus e os menires da Têra 1 e da Caeira. Note-se que os que correspondem aos solos da classe C se situam nas áreas onde se registou a maior densidade de vestígios arqueológicos.

No que diz respeito à geologia, verifica-se que, à excepção dos recintos megalíticos das Fontainhas e das Figueiras e ainda do menir da Gonçala, que se implantam, respectivamente, em areias e no complexo arcósico e argiloso das Brotas (próximo da transição para os gnaisses), os restantes encontram-se nos gnaisses graníticos (5), nos granitos gnáissicos (2), e nos granitos porfiróides. Note-se que o recinto megalítico do Monte das Figueiras se localiza numa das duas manchas do complexo arcósico e argiloso de Brotas existentes no interior dos gnaisses graníticos.

3.4. Distribuição espacial

Do que diz respeito à distribuição espacial dos menires, na área de Pavia, verifica-se um relacionamento estreito com as principais ribeiras da área, a da Raia e a da Têra, com uma nítida predilecção pelas linhas de festo. A maior concentração surge na margem direita da ribeira de Têra.

A relação entre o povoamento e o fenómeno menírico desta área ainda é pouco evidente e os dados ainda não são muito seguros para que se possam tirar quaisquer conclusões. Ao contrário do que acontece para a área de Évora, onde existem alguns locais de habitat directamente relacionados com menires (Burgess, 1987; Fonseca, 1987; Gomes, 1989), na área de Pavia não se identificou, até ao presente, nenhum sítio directamente relacionável com o megalitismo não funerário. A presença de elevado número de mós nas imediações de menires, (em Pavia, esta situação ocorre sobretudo na área da Têra e da Gonçala), tem, por vezes, sido relacionado por alguns autores (Gomes, 1989) como tendo um carácter hipoteticamente ritual.

Assim, à excepção do recinto megalítico das Fontainhas, que se encontra mais isolado, os restantes menires encontram-se nas mesmas áreas que os monumentos megalíticos funerários e os restantes vestígios de *habitats*.

4. Conclusão

Com este trabalho procurou-se fazer um balanço, rigoroso e o mais completo possível, dos dados até agora coligidos em Pavia, na óptica do estudo das dinâmicas do povoamento megalítico. A interpretação destes dados permite levantar algumas novas questões, que serão testadas nos próximos anos e que permitirão validar, ou não, o modelo de neolitização proposto para esta área.

Os indícios actualmente disponíveis, bastante frágeis dada a escassez de informação existente, sugerem que, em Pavia, o início da neolitização do território parece ser posterior à instalação dos povoados mais antigos do aro de Évora, atraso que transparece da comparação dos conjuntos artefactuais dos locais de *habitat*; cronologicamente, essa fase inicial deve corresponder a um momento avançado dentro do Neolítico Antigo ou mesmo já ao Neolítico Médio.

A maior parte do megalitismo funerário de Pavia é atribuível ao Neolítico Final; os testemunhos do povoamento que lhe corresponde, apesar de alguns contornos ainda mal definidos, estão omnipresentes, em áreas abertas, nas proximidades de todas as manchas dolménicas.

Esta identificação, que noutras áreas pode ser ainda problemática, está reforçada, no território de Pavia, pela notória escassez de povoamento de outras épocas em relação ao elevado número de antas conhecidas.

A diacronia destes monumentos, no seu conjunto, continua problemática; porém, a antiguidade relativa das pequenas sepulturas em ferradura parece a melhor explicação para as diferenças de espólios, imagem coerente com as observações efectuadas noutros contextos alentejanos; em todo o caso, a coexistência com as antas de corredor, nos mesmos territórios, não permite aplicar, em Pavia, o modelo que foi proposto, recentemente, para a bacia do Sever (Oliveira, 1995).

Não dispomos, em Pavia, de qualquer elemento para aferir a posição cronológica relativa das sepulturas em forma de ferradura e dos menires, sendo provável que alguns sejam, efectivamente, contemporâneos.

O desenvolvimento do megalitismo regional basear-se-ia, assim, num esquema de transformação-redução do porte dos menires e da dimensão dos conjuntos seguida, ou associada, de uma mudança no sentido da substituição dos menires por sepulturas megalíticas, as quais sofrem,

seguidamente, uma transformação, inversa da primeira, que culmina nas antas mais monumentais, como defendemos anteriormente (Rocha, 1996).

BIBLIOGRAFIA

- BUENO RAMÍREZ, P. (1988) - Los dólmenes de Valencia de Alcántara. *Excavaciones Arqueológicas en España*. Madrid: Ministerio de Cultura.
- CALADO, M. (1993) - Menires, alinhamentos e cromelechs. In MEDINA, J., dir. - *História de Portugal*. Lisboa: Ediclube. 1.p. 294-301.
- CALADO, M. (1995) - *A região da Serra d'Ossa: introdução ao estudo do povoamento neolítico e calcolítico*. Lisboa: [s.n.]. Policopiado.
- CALADO, M. (no prelo) - Povoamento pré-histórico dos arredores de Évora: evolução das estratégias de povoamento. Com. apresentada ao I *Simpósio Internacional Transformação e Mudança*. Cascais. 1993.
- CALADO, M.; ROCHA, L. (1996) - Neolitização do Alentejo Interior: os casos de Pavia e Évora. *Rubricatum. I Congrès del Neolític a la Península Ibèrica*. Gavà-Bellaterra. 2, p. 673-682.
- CALADO, M.; SARANTOPOULOS, P. (1996) - O Cromeleque de Vale Maria do Meio (Évora): contexto arqueológico e geográfico. *Rubricatum. I Congrès del Neolític a la Península Ibèrica*. Gavà-Bellaterra. 2.
- CARDOSO, J.L. (1992) - Acerca de um suporte de lareira do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Al-Madan*. Almada. Série II.1, p. 23-26.
- CARDOSO, J.L.; FERREIRA, O da V. (1990) - Três suportes de lareira da Penha Verde (Sintra). *Revista de Arqueologia da Assembleia Distrital de Lisboa*. [s.l.:s.n.], I, p. 5-12.
- CORREIA, V. (1921) - *El Neolítico de Pavia*. Madrid: Museo Nacional de Ciencias Naturales.
- DAVEAU, S. (1985) - *Mapas climáticos de Portugal. Nevoeiro e nebulosidade. Contrastes térmicos*. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos.
- DINIZ, M. (1994) - *Acerca das cerâmicas do Neolítico antigo da Gruta da Furninha (Peniche) e da problemática da neolitização do Centro/Sul de Portugal*. Lisboa: [s.n.] (policopiado).
- FEIO, M.; MARTINS, A. (1993) - O relevo do Alto Alentejo. *Finisterra*. Lisboa. 28, 55-56, p. 149-198.
- FERNÁNDEZ CORRALES, J. M.; SAUCEDA, I. (1985) - Los ídolos de cuernos de Los Castillejos I. Fuente de Cantos (Badajoz). SAE.1.
- GONÇALVES, V.S. (1989) - Manifestações do sagrado na pré-história do Ocidente peninsular. *Almansor*. Montemor-o-Novo. 7, p. 289-302.
- GONÇALVES, V.S. (1992) - *Reverendo as antas de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa: UNIARQ/INIC.
- GONÇALVES, V.S.; SOUSA, A C. (no prelo) - A propósito do grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz e das origens do megalitismo no Ocidente Peninsular. Comunicação apresentada ao I *Colóquio Internacional sobre Megalitismo*. Monsaraz, 3 a 6 de Outubro de 1996.
- GONÇALVES, J.L. (1994) - Ídolos de cornos e suportes de lareira do Castro de Vila Nova de S. Pedro (Azambuja). *Actas das V Jornadas Arqueológicas*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 147-162.
- GOMES, M. V. (1994) - Menires e cromeleques no complexo cultural megalítico português: trabalhos recentes e estado da questão. In *O Megalitismo no Centro de Portugal*. Viseu: [s.n.], p. 317-342.
- GOMES, M. V. (1989) - Arte rupestre e contexto arqueológico. *Actas do Encontro Comemorativo dos 25 anos da descoberta da Gruta do Escoural*. *Almansor*. Montemor-o-Novo. 7, p. 225-269.
- HURTADO PÉREZ, V. (1984) - El megalitismo en el Suroeste peninsular: problemática en la periodización regional. In *El megalitismo en la Península Ibérica. Mesa Redonda*. Madrid: Ministerio de Cultura.
- LEISNER, G. e LEISNER, V. (1959) - *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel: Der Westen*. Berlin: [s.n.]. II-2.
- OLIVEIRA, J. (1997) - Monumentos megalíticos da Bacia Hidrográfica do Rio Sever. *Ibn Maruan*. [s.l.:s.n.].
- RAMOS, M^a C. M. (1994) - *Condições geomorfológicas e climáticas das cheias da Rib. de Têra e do Rio Maior (Bacia Hidrográfica do Tejo)*. Lisboa: Universidade de Lisboa.
- ROCHA, L. (1996) - *Povoamento megalítico de Pavia: contributo para o conhecimento do Megalitismo Regional*. Lisboa: [s.n.].
- ROCHA, L. (no prelo) - Os menires de Pavia, Mora (Portugal). Comunicação apresentada ao II *Congresso Peninsular de Arqueologia*. Zamora, 24 a 27 de Setembro de 1996.
- ROCHA, L. (no prelo) - O Alinhamento do Monte da Têra (Pavia, Mora). Comunicação apresentada ao I *Colóquio Internacional sobre Megalitismo*. Monsaraz, 3 a 6 de Outubro de 1996.
- ZBYSZEWSKI, G.; VEIGA FERREIA, O.; REYNOLDS DE SOUSA, H.; NORTH, C.T.; LEITÃO, M. (1977) - Nouvelles découvertes de cromelechs et de menhirs au Portugal. *CSGP*. Lisboa: [s.n.]. LXI, p. 63-73.